

REFLEXÃO

## ELEIÇÕES 2018

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO

Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

*O meu ideal político é a democracia, para que todo homem seja respeitado como indivíduo e nenhum venerado.*

**Albert Einstein**

**A**S ELEIÇÕES aproximam-se rapidamente, e os eleitores brasileiros vêm mostrando uma desmotivação nunca antes vista.

Esse desalento tem origem na profunda decepção do povo brasileiro com os políticos e com os resultados da operação Lava-Jato, além das inacreditáveis constatações quanto aos crimes financeiros, aos desvios e às mamatas dos personagens dessa derrocada de ética para se manter como candidatos nas próximas eleições.

Um dos fatores mais negativos ao público é o chamado presidencialismo de coalizão, que dominou as forças políticas do País nos últimos governos e, de alguma forma, mantém essa estrutura de negócios terrível entre o Executivo e o Legislativo, com muitos partidos políticos estruturados apenas para isso.

No entanto, não se pode focar o olhar na política brasileira e perder a visão global do que se passa na política mundial. Populações de outros países também estão dando demonstrações desse cansaço com a classe política, *vide* a vitória de Trump nos EUA e de Macron na França, o fator Brexit na União Europeia, as enormes dificuldades de Angela Merkel na Alemanha e

a esquerda bolivariana sendo colocada de lado na América Latina.

Talvez, seja um movimento pendular retornando na direção do protecionismo econômico, das fronteiras marcadas por muros, ou um inédito vácuo de líderes.

No passado, em momentos assim, buscou-se, no Brasil, caminhos diferentes, correndo-se o risco do novo. Vale recorrer a Cecília Meireles, com suas frases extraordinárias: “A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la”. Essa sensibilidade de apontar para a nossa pequenez frente ao processo inevitável do tempo é essencial e deve ser motivadora em épocas de incertezas e decepções.

“Mudar” é uma palavra que gera descobertas incríveis, mas que tem considerável peso a ser suportado. Este peso também tem sido responsável por deixar as coisas como estão. Assim como se viu no México (com o Partido Revolucionário Institucional – PRI) ou na Argentina (com o peronismo), o processo político brasileiro foi insensato nos últimos governos, adotando-se o lema “nós ou eles”. A divisão foi feita no País, e as eleições são um festival de incoerências e ódio.

Como não se pode agir antes de falar e, então, falar de acordo com os seus atos (como diria Confúcio) nas eleições, os candidatos desfilam as suas inverdades ou o que irão

fazer até serem eleitos. Assim, os experientes falam do passado para tentar iluminar o futuro, enquanto os novos criticam o passado para negar o futuro, e, com isso, o eleitor desencanta-se e se desmotiva. Isso enfraquece o processo democrático e gera riscos de aventuras e novas decepções.

O agronegócio já perdeu muito com o processo de desqualificação da sua importância no Brasil. Forças ideológicas seguem atuando, como são os casos da lei dos pesticidas – que não são nada além de remédios para as plantas – e da tabela de preço mínimo para os fretes.

O setor unido, em governança equilibrada e com visão estratégica é o que deve prevalecer nas eleições de 2018. Buscar consenso nas urgências e ter prioridades e o compromisso dos candidatos que aí estão deve ser o esforço profissional de todos que labutam em prol do agronegócio brasileiro. ■

